



Educação para os meios: uma leitura crítica da mídia¹

Maria Aparecida PINTO²
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

A mídia é um dos principais meios de informação e formação do sujeito na atualidade, dentro desta perspectiva, as ações que o cidadão realiza pautam-se pelo conhecimento adquirido que se materializa e se efetiva nas tomadas de opinião e nos posicionamentos ideológicos. Tendo-se em vista o contexto social, o presente artigo possui como objetivo analisar a educação para os meios (media literacy) e como esta proporciona ações ativas no tocante à relação do cidadão com a democracia. Como start para o estudo analisa-se o filme Fahrenheit 451.

PALAVRAS-CHAVE: democracia, Fahrenheit 451, media literacy, vigilância.

Livros não permitem vigilância

O longa-metragem Fahrenheit 451 é uma produção de François Truffaut. A ficção científica de 1966 apresenta uma realidade marcada pela opressão e pela violência da ditadura. Trata-se mais propriamente da ditadura das ideias, dos pensamentos. Mas é importante lembrar que é por meio destes que as ações se concretizam. No filme, os bombeiros constituem uma instituição responsável pela queima de livros. A “brigada” Fahrenheit 451 está relacionada literalmente com a temperatura de combustão do papel. Por meio de denúncias, os bombeiros têm acesso aos “criminosos”, que colocam a felicidade das pessoas em risco, uma vez que, segundo o discurso dos “detentores do sufrágio universal”, os livros alteram as pessoas deixando-as descontentes.

Frente ao perigo da infelicidade e das inutilidades presentes nas obras literárias, as mesmas são queimadas em público e à luz do dia. Neste processo, muito contribui Montag, um dos profissionais mais dedicados (que seria até promovido) da corporação. Seu chefe trata-o como preferido o que desperta muitos olhares de inveja.

¹ Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 7ª semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, email: mariajornalismo2009@yahoo.com.br.



Montag, bombeiro há cinco anos, sente-se tentado a ler os livros a partir do momento em que sua vizinha Clarisse, uma futura professora, questiona-o se já havia lido algum livro antes de queimá-lo. Este responde sinceramente que não. Neste âmbito, é provável que o desejo de leitura já estivesse latente no membro da corporação, apenas esperando um “despertar”.

O personagem inicia, então, um trabalho de alta traição e se apaixona pela literatura. O amor pelas obras configura o desfecho de um casamento desgastado e frio que desenvolve com Linda. A esposa de Montag é comprada pela “Família” e pelos “primos”. Estes constituem o sistema cujo principal mecanismo de repressão são as veiculações televisivas, que prezam pelo controle por meio da alienação. O mecanismo é composto por um superior e pelos demais, os primos. Linda habita um mundo paralelo construído pelos sedativos e estimulantes, estes sim permitidos em longa escala no modelo de sociedade apresentado pelo filme.

A jovem esposa sente-se ameaçada. Os livros deixavam-na com medo. Medo, não de ser identificada pelo sistema como contraventora, mas medo do contato, medo do conteúdo, medo de sair da área de conformação, de controle, medo dos verdadeiros sentimentos e sensações, não aqueles provocados pelas pílulas, mas pelo saber há muito tempo esquecidos. Na verdade, Linda tem medo da liberdade, de pensar por conta própria e com a influência de condicionamentos não tão concretos como os apresentados na produção. Mas o homem, segundo os filósofos, está condenado à liberdade, ao livre arbítrio, mesmo que não exercido na sua plenitude. Os livros, neste sentido, podem ser considerados como a materialização de várias liberdades.

A personagem Linda tem razão de sentir medo. O conhecimento é uma arma e, assim como a ignorância, pode também alienar dependendo da forma como é usado. No filme, os ditadores conheciam os livros, sabiam do poder exercido pela literatura. Com este saber, tentavam agir impondo um controle com “mãos de ferro”, mas sempre há dissidentes. O saber e o saber da impossibilidade de agir da forma necessária compreendem a dor do saber. O não saber é, portanto, o sofrimento atenuado da ignorância de uma realidade que poderia ser diferente. Em ambos os casos, há alienação e pílulas, quando não a morte.

O objetivo das ditaduras é controlar a liberdade de ação dos sujeitos; por isto, este fetiche pelo conhecimento. Este processo decorre do fato de que o conhecimento torna possível uma ação. Verdade é que livros foram “queimados”, na Inquisição com a Lista do Index, na Idade Média e na Segunda Guerra, com os seguidores de Hitler. As



grandes fogueiras “destruíram” quilos de livros, mas a literatura não se encontra nos livros, mas nas pessoas, sejam estas *Book people*³, ou não.

Montag, perito na ocultação de obras, sujeito de falas escassas, é seduzido pelo saber, pelo conhecimento que a ditadura não permite. Em decorrência disto, ele deserta. A insurgência de Montag concretiza-se contra o ideal de felicidade ditado pela “igualdade dos indivíduos (primos)”- em que uns exerciam maior poder sobre os outros -, contra a amnésia dos sentimentos, contra a alienação das antenas de TV que irradiam a construção de uma falsa realidade e por isto alienam, ou seja, conduzem a formas de agir que justificam a ditadura. Contra tudo isto, Montag liberta-se e vive com as pessoas-livro tornando-se um deles, assim como Clarisse.

Contrariando inicialmente uma lógica, o chefe dos bombeiros (superior de Montag) odeia livros, mas conhece as classificações, tipificações de gênero e algumas peculiaridades das obras. Ele foi educado para isto. Controlar a educação, as formas de acesso ao conhecimento é o que mantém a ditadura. Há duas principais pontes de acesso: a escola (a rejeição de Clarisse como educadora por parte da instituição, uma vez que ela é uma insurgente e não possui antenas de televisão em sua casa) e a televisão, no sentido de uma educação para os meios.

Corroborando a ideia e acrescentando o aspecto ideológico, afirma Dijk (2003, p.43):

(...) las institucones ideológicas más influyentes de la sociedade moderna: la escuela y los médios de comunicación. La gente adquiere ideologías parciales a través de la imitación de las atividades cotidianas de otros membros del grupo (...), pero las ideologias se adquieren básicamente a través del discurso, y no solo como un tipo específico de “comportamento” o acción. Mas que cualquier otra institución, la escuela y los medios de comunicación llevan a cabo este rol, igual que em el passado lo hacia la iglesia.

Dentro deste contexto, o presente estudo realiza uma análise da *media literacy*, termo que pode ser traduzido para a expressão letramento midiático, com o intuito de evidenciar como um processo de interatividade pode tornar-se um consumo crítico enriquecedor das dinâmicas sociais democráticas, por meio das produções midiáticas.

³ A expressão *Book people*, no filme Fahrenheit 451, define as pessoas que memorizam obras literárias e transmitem-nas por gerações.



Crítica de Mídia: vigilância

A democracia somente é possível quando há liberdade de expressão e vertentes políticas que se alteram refletindo discursos heterogêneos e ideologias distintas. Neste processo, é necessário analisar qual o papel desempenhado pela mídia. Segundo Carvalho (2008, p.217),

os políticos atuais já nasceram numa época posterior à democracia, como observara Benjamim em seu ensaio mais pop. A excessiva dependência dos meios de comunicação de massa para chegar ao poder já lhe tornou um agente político, um determinante na relação dos meios de comunicação com massas e das massas com seus representantes.

Esta situação é a vivenciada no filme anteriormente citado. Todas as casas possuem antenas de televisão por meio das quais a ditadura exerce seu poder. É através do canal televisivo, que o governo manipula as massas, mas de forma que cada indivíduo ache-se especialmente contemplado, como se se tratasse de um serviço personalizado. Linda conta a Montag que ela, moradora do bloco 813, foi convidada pela Família a “participar” como atriz de um programa de televisão. O mecanismo de participação constitui-se em torno de “deixas”, ou seja, lacunas que ingenuamente Linda completa achando que desta forma altera a narrativa. Neste processo, a personagem experimenta certa autonomia, mesmo que falseada. Montag revela a sua esposa como funciona o sistema: não há personalização, mas, massificação. Todas as “Lindas” do país foram contatadas. Linda recusa-se a aceitar. Dentro desta perspectiva, ainda de acordo com ao autor, política, comunicação e massas são indissociáveis o que imprime limitações nos processos de auto-regulação destas instâncias, uma vez que sempre se pode apontar para a perseguição ideológica.

Deve-se entender a comunicação em um contexto em que os avanços tecnológicos exercem grande influência ao ponto de se falar em cibercracia, uma democracia exercida por meio de ferramentas virtuais de comunicação. Carvalho (2008, p.218) alerta para o fato de que a

(...) democracia precisa evoluir da democracia ditada pela mídia para a mídia a serviço da democracia. Pois, se na democracia da mídia o poder está associado à comunicação massiva (marketing), na mídia a serviço da democracia, a comunicação proporciona maior poder de decisão à sociedade.

Retomando ao processo de auto-regulamentação, é necessário lembrar que se trata de um sistema que implica vigilância. Dentro desta perspectiva, há duas vertentes



que carecem de maiores esclarecimentos: a (1) vigilância do cidadão é fácil se comparada com a (2) vigilância dos meios de comunicação.

Em um ambiente em que se preza pela vida 2.0, os sujeitos estão em constante vigilância, uma vez que são cadastrados quando acessam portais, fazem uso de serviços virtuais, compram *on-line* e preenchem dezenas de fichas de dados particulares. Além disto, há ainda as espionagens ilícitas, o roubo de senhas e dados pessoais “que são vazados”. Vírus poderosos instalam-se e monitoram as ações de usuários da rede de computadores. Porém, as sentinelas não se encontram apenas na internet. Atualmente, circula-se em ruas e avenidas monitoradas por câmeras e vive-se em espaços internos que contam com olhares de câmeras que pedem ou não um sorriso aos que passam pela área onde as máquinas se encontram.

“Fugir do sistema” pode parecer “coisa de filme de ficção”, mas o que se percebe é que é outro aspecto que deve ser questionado, qual sistema seria este. A máxima dos processos de vigilância apontados anteriormente é a segurança, o registro das ações do “eu” e do “outro” exerceria um poder de controle semelhante ao exercido pelos ditadores no filme analisado. O cidadão acredita que está informado ao observar a vida do outro, é o que afirma Carvalho (2008, p.220):

ironicamente, a vigilância do cidadão interessa mais que a vigilância dos meios de comunicação. O cidadão crê que estará mais informado se puder observar a vida privada dos outros porque já considera a mídia “livro aberto”. Imagina que seus canais de informação lhes apresentam a realidade da aventura humana, sendo, portanto, absolutamente confiáveis. (grifo do autor).

Neste sentido, é importante lembrar que a realidade, assim como a verdade, é um constructo, ou seja, é uma composição que se fundamenta de acordo com ideologias defendidas e materializadas por meio de discursos. Estes últimos dizem respeito a grupos de interesses que visam ao exercício do poder. Desta forma, “a realidade” do filme é construída pela “informação” a que se dá acesso à população. As verdades toleradas são aquelas que atendem à demanda do poder já mencionado.

Vigiar os meios de comunicação não é tarefa fácil. Quando há indícios deste processo ou de qualquer outra vertente reguladora, instaura-se um ambiente de combate à censura ou de guerra à ditadura. Trata-se de uma situação paradoxal: a ditadura dos meios “justifica-se” por uma ideologia de combate à ditadura exercida pelo regime militar. Segundo Carvalho (2008, p.221) “a mídia nos observa mais do que observamos



a mídia porque a nutrimos de tanto poder que já não é possível combatê-la, mas ajustar se ao mundo que ela nos recomenda”. Assim, em Fahrenheit 451, percebe-se a passividade de quase toda a sociedade em relação ao que é veiculado pela televisão. Aqueles que constroem uma visão crítica devem ser eliminados, pois cometem um crime hediondo contra a sociedade, ferindo o direito de alienação e de desinformação que cada indivíduo possui, segundo a lógica vigente na sociedade apresentada.

Para tanto, há a necessidade de figuras que representem símbolos de confiança para a comunidade. O rosto que materializa os dizeres de uma instituição deve ser capaz de falar sobre todos os assuntos e em qualquer situação transmitindo confiança e educando, ou melhor, direcionando um modo de agir e de se (com) portar diante da realidade apresentada. É neste âmbito, que o longa-metragem possui, na sua composição, uma apresentadora constante que serve informando a todos sobre tudo de forma homogênea. A ela todos atribuem valor e fidedignidade esquecendo-se do fato de se tratar de um ser humano igual a qualquer outro, passível de cometer equívocos. Tal esquecimento proporciona a construção de uma aura em torno desta personagem.

A educação para os meios deve estabelecer o debate e a construção de um saber e não de uma transmissão unilateral. A liberdade de expressão tão prezada pela mídia deve ser acessível aos dois lados. Deve-se estar atento para que este processo esteja em vigor. Neste sentido, segundo Carvalho (2008, p.222-225), vigiar os meios de comunicação é mais difícil do que vigiar o cidadão porque para vigiar o cidadão basta tecnologia de comunicação; já para monitorar os media é necessário combinar tecnologia com democracia.

O autor não nega que a sociedade precisa de vigilância:

a sociedade precisa ser observada porque mantém o Estado por meio de impostos, taxas, contribuições, pensões, mensalidades. Precisa ser observada porque está sujeita a uma infinidade de códigos e não pode renunciar ao sistema legal. A sociedade é refém de sua própria organização evolutiva. Reconheceu, ao longo dos séculos, que somente com a permanente autovigilância se conquista um mínimo de bem-estar social. (CARVALHO, 2008 p.222).

Ele ressalta que tal processo deve pautar-se pela equidade, na medida em que o anonimato vigora sobre os olhos acerca da sociedade. Neste sentido, os cidadãos devem saber identificar quem os observa e as estruturas e critérios utilizados nesta ação bem como a finalidade de tal atitude.



Crítica de Mídia: educação para os meios

Quanto á educação para os meios, Carvalho afirma que “ao educar a sociedade no acesso às redes de informação, os governos evitarão que a globalização – até agora veículo da concentração do conhecimento e do desenvolvimento científico – acentue ainda mais as desigualdades sociais” (2008, p.224). A ideia de educação para os meios advém da confluência entre mídia e educação, conhecida através do termo *media literacy*. Países como Inglaterra, Austrália e Canadá possuem sistemas nacionais de políticas para a mídia-educação com articulações, objetivos e princípios, além de instâncias definidas para a realização de tarefas que visão ao cumprimento desta política.

A educação para os meios teve início na década de 1930 na Inglaterra. O objetivo era “inocular” os alunos contra mensagens publicitárias e contra a banalização da arte promovida pelas novas mídias daquele período. Segundo Siqueira e Rothberg (2008, p.198), professores de literatura usavam anúncios nas aulas de leitura com tais finalidades. Atualmente, o que se deseja é preparar os cidadãos para que estes possam utilizar os meios, no sentido da participação ativa e da compreensão crítica.

O cidadão deve conhecer os mecanismos que sustentam as produções midiáticas para entender e se posicionar diante do processo de forma democrática. Conhecer é um dos primeiros passos da ação, quando não o primeiro. Neste sentido, os observatórios de imprensa cumprem papel relevante, uma vez que tornam possível a aprendizagem dos processos de produção midiática por parte dos não pares. Trata-se de uma conjuntura que se encontra no âmbito da metalinguagem, pois apresenta uma desconstrução das situações e abordagens de realidades concretas tratadas pela mídia. O mecanismo revela como o processo total é desencadeado pelos interesses e estruturas que sustentam todas as etapas de produção. Interesses que se pautam por discursos políticos e ideológicos, principalmente. Este procedimento se dá a partir de conhecimentos prévios que o sujeito possui acerca do setor.

Desta forma, se os leitores já possuem algum conhecimento sobre mídia e jornalismo (adquirido espontaneamente), ele pode ser ampliado através de leitura e discussão de tópicos sistematizados, em busca do desenvolvimento de um raciocínio mais complexo e sofisticado sobre o papel e a influência dos meios de comunicação na vida pública. (SIQUEIRA e ROTHBERG, 2008, p.211-212).



Segundo Buckingham (2003), para cumprir tais escopos os observatórios devem se pautar em quatro aspectos: contexto institucional e rotinas de produção, linguagem, representação e audiência.

A educação para os meios deve superar a vertente que trata a mídia como mero entretenimento. O espaço midiático é um dos responsáveis pela construção social da realidade, do conhecimento e dos valores. Portanto, há a necessidade de investimento na ação participativa e na conscientização para a visão crítica, uma vez que tudo é construído por meio de discursos que defendem uma ideologia favorável a determinado grupo de interesses. Segundo Santaella, não há linguagens inocentes, “toda linguagem é ideológica porque, ao refletir a realidade, ela necessariamente a refrata.” (1996, p.330.) Não se pode acessar o real de forma pura, pois tudo é intermediado pela camada da interpretação. Este processo é singular a cada indivíduo, mas apresenta traços de identificação social que possibilitam a formação de alianças que compartilham critérios de organização.

A linguagem que falamos, o sistema de sinais que emitimos, a miríade de traços, escolhas, omissões e partilhas de que somos compostos, falam de nós. São indicadores de nossa posição peculiar na rede tensa das tendências políticas. Não há linguagem possível, conseqüentemente, que não seja um feixe indicial de tensões políticas. (SANTAELLA, 1996, p.331)

A linguagem é o campo de luta entre estas tensões frutos das divergentes ideologias defendidas. Nas mídias, este processo se acentua, e por isto, somente conhecendo o processo de produção, veiculação e como os meios propõem-se a atingir o público, pode-se construir conhecimento e agir de forma efetiva na realidade.

Considerações finais

Assim como no filme Fahrenheit 451, a sociedade pode ser narcotizada pelo governo por meio de mecanismos de repressão que combinam desinformação e publicidade autorreferente. A finalidade é impedir o acesso ao conhecimento, uma vez que o conhecimento é uma arma poderosa de libertação. Ele possibilita que o sujeito se organize, raciocine e realize ações embasadas e não contaminadas por ditaduras ideológicas ou físicas. O conhecimento é libertador em sua essência.

A educação para os meios se faz necessária uma vez que o sujeito social precisa saber como lidar com os meios comunicacionais de forma ativa e crítica, não se



deixando seduzir pelo seu poder de persuasão e alienação. Há a necessidade de questionamentos, de descobertas do *modus operandi* e dos porquês das construções discursivas midiáticas para uma sociedade mais democrática. Atualmente, com as variadas tipificações de mídia, a informação parece ser acessível a todos e existe um senso comum de que há informação disponível sobre tudo. Para quebrar esta impressão equívoca, é preciso conscientizar a população de como funcionam os mecanismos de informação deixando claro a que objetivos servem.

Montag, um dos principais personagens do filme estudado, é um tipo que nos mostra como a passagem da passividade para a ação é difícil, mas latente. O bombeiro demonstra que a travessia é delicada, pois a acomodação da passividade e os “benefícios” da mesma podem dissuadir qualquer quebra de estaticidade. Ele revela que o processo exige perdas e abdições, exige esforço e trabalho. Mas, o protagonista mostra também que a recompensa é a liberdade de expressão, pela qual os meios comunicacionais tanto prezam e a consciência da existência de uma realidade menos narcotizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCKINGHAM, David. **Media education: literacy, learning and contemporary culture**. Cambridge: Polity Press, 2003.
- CARVALHO, Avery Milton Veríssimo de. **Notas da vigilância**. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério, MOTTA, Luiz Gonzaga (orgs.). Observatório de Mídia. São Paulo: Paulus, 2008.
- DIJK, Teun A. Van. **Ideologia y Discurso**. Barcelona: Ariel, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. **Produção de Linguagens e Ideologia**. São Paulo: Cortez, 1996.
- SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de; ROTHBERG, Danilo. **Crítica de mídia e educação para os meios**. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério, MOTTA, Luiz Gonzaga (orgs.). Observatório de Mídia. São Paulo: Paulus, 2008.